

WILLIAM DALRYMPLE

Nove vidas

Em busca do sagrado na Índia moderna

Tradução

Paulo Schiller

Copyright © 2009 by William Dalrymple

Mapa e ilustrações by Olivia Fraser

Trecho de *The Epic of Pabuji* by John D. Smith @ 1991 The Faculty of Oriental Studies, publicado por Cambridge University Press e reproduzido com permissão. Trechos de *When God is a customer* by A. K. Ramanujan @ 1994 University of California Press e reproduzido com permissão. Trecho de *Grace and mercy in her wild hair* by Ramprasad Sen @ 1999 Ramprasad Sen e reproduzido com permissão de Hohm Press. Trecho de *The interior landscape* by A. K. Ramanujan @ 1994 reproduzido com permissão de Oxford University Press India, Nova Delhi

O direito moral do autor foi assegurado.

“As filhas de Yellamma” e “O cantador de epeias” foram previamente publicados na New Yorker.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida por qualquer meio sem a permissão escrita da editora, exceto no caso de citações breves em artigos críticos ou releases. Todos os esforços foram feitos para encontrar os detentores dos direitos autorais das matérias reproduzidas neste livro, mas nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Nine lives — In Search of the Sacred in Modern India

Capa

Sabine Dowek

Foto de capa

<completar>

Preparação

Cacilda Guerra

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Renata Del Nero

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dalrymple, William

Nove vidas : em busca do sagrado na Índia moderna / William Dalrymple ; tradução Paulo Schiller. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original : Nine lives : in search of the sacred in modern India

ISBN 978-85-359-2101-4

1. Biografias religiosas - Índia 2. Índia - Religião I. Título.

12-04271

CDD-294.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Índia : Biografias religiosas 294.092

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Mapa	8
Introdução	9
1. A narrativa da monja	21
2. O dançarino de Kannur	53
3. As filhas de Yellamma	85
4. O cantor de epopeias	110
5. A fada vermelha	151
6. A história do monge	190
7. O fabricante de ídolos	226
8. A dama crepúsculo	260
9. A canção do trovador cego	293
Glossário	325
Bibliografia	341
Índice remissivo	349

1. A narrativa da monja

Duas colinas de granito negro brilhante, lisas como vidro, se elevam de uma paisagem de densas plantações de bananas e palmeiras recortadas. Amanhece. Embaixo fica a antiga cidade de peregrinação de Sravanabelagola, em que as paredes em desintegração de mosteiros, templos e *dharamsalas* se aglomeram em torno de uma rede de estradas poeirentas, de terra vermelha. As estradas convergem em um grande reservatório retangular. O reservatório é salpicado pelas folhas espalhadas e botões fechados de flores de lótus. A despeito da hora, os primeiros peregrinos se reúnem.

Há mais de 2 mil anos esta cidade de Karnataka é sagrada para os jainistas. Foi aqui, no século III a.C., que o primeiro imperador da Índia, Chandragupta Maurya, abraçou a religião jainista e se impôs um jejum fatal, a expiação que escolheu em decorrência dos assassinatos pelos quais foi responsável durante sua vida de conquistas. Mil e duzentos anos depois, em 981 d.C., um general jainista encomendou a maior estátua monolítica da Índia, com dezoito metros de altura, situada no alto da maior das duas colinas Vindhya giri.

Ela era uma imagem de outro herói real jainista, o príncipe Bahubali. Este havia travado um duelo com seu irmão Bharata pelo controle do reino do pai. Porém, no instante da vitória, o príncipe se deu conta da loucura da ambição e da transitoriedade da glória terrena. Bahubali renunciou ao reinado e em vez dele abraçou o caminho do ascetismo. Retirando-se para a selva, meditou durante um ano, de modo que as trepadeiras da floresta se enrolaram em torno de suas pernas e o ataram ao lugar. Nesse estado ele venceu o que acreditava ser os verdadeiros inimigos — suas paixões, ambições, orgulho e desejos — e assim se tornou, segundo os jainistas, o primeiro ser humano a alcançar a moksa, ou libertação espiritual.

O sol acabava de se erguer sobre as palmeiras e uma cerração matinal ainda cobria o terreno. Porém, a fila de peregrinos — de certa distância, pequenas criaturas como formigas contra a superfície da rocha que brilhava como mercúrio fundido ao amanhecer — já subia os degraus que levavam à figura monumental do príncipe de pedra no alto da colina. Durante os últimos mil anos a estátua compacta de ombros largos, encerrada em sua treliça de trepadeiras de rocha, foi o foco de peregrinação nesse Vaticano dos digambaras, ou jainistas “vestidos de céu”.

Os monges digambaras são provavelmente os mais rigorosos de todos os ascetas da Índia. Exibem sua total renúncia ao mundo viajando por ele completamente nus, leves como o ar, como eles o concebem, e límpidos como o céu indiano. Com certeza, entre as muitas pessoas comuns usando *lungis* ou sáris que escalavam lentamente os degraus talhados na rocha havia vários homens nus — monges digambaras a caminho de prestar homenagem a Bahubali. Também havia certo número de monjas digambaras, ou matajis, vestidas de branco, e foi em um templo pouco antes do cume que vi Prasannamati Mataji pela primeira vez.

Eu tinha avistado a figura miúda, esguia, da monja descalça

em seu sári branco transpando os degraus acima de mim quando comecei a subida. Ela subia rapidamente com um jarro de água feito de casca de coco em uma mão, e um abano de penas de pavão na outra. Enquanto subia, esfregava cada degrau delicadamente com o abano para se certificar de que não pisaria, não feriria nem mataria um único ser vivo em sua subida pela colina — uma das regras estabelecidas de peregrinação para um muni, ou asceta, jainista.

Somente quando cheguei ao Vadegall Basadi, o templo que fica pouco antes do cume, eu a alcancei — e vi que, a despeito da cabeça calva, a mataji era na verdade uma mulher surpreendentemente jovem e chamativa. Tinha olhos grandes, bem separados, pele cor de oliva e um ar de autoconfiança contida que se expressava pelo vigor e facilidade com que ela mantinha a postura. Mas havia também algo triste e pensativo em sua expressão enquanto ela executava os atos de devoção; e isso, combinado à juventude e à beleza inesperadas, fazia com que qualquer um quisesse saber mais sobre ela.

A mataji estava ocupada com suas orações quando entrei no templo pela primeira vez. Depois da luz fraca do lado de fora, o interior parecia quase completamente negro, e precisei de vários minutos para que meus olhos se ajustassem inteiramente à escuridão. Nos pontos cardeais dentro do templo, no início quase invisíveis, havia três imagens de mármore liso e preto dos Tirthankaras jainistas, ou Libertadores. Cada uma delas fora esculpida em posição sentada como o Buda no virasana samadhi, com a cabeça raspada e os lóbulos das orelhas alongados. As mãos de cada Tirthankara estavam em concha, e eles estavam sentados de pernas cruzadas na postura de lótus, impassíveis e concentrados, fechados na mais profunda introspecção e meditação. Thirtankara significa literalmente “vadeador”, e os jainistas acreditam que essas figuras ascéticas heroicas mostraram o caminho para o nirvana, vadean-

do espiritualmente os rios do sofrimento, e atravessando os oceanos selvagens da existência e renascimento, para criar um lugar de travessia entre o samsara e a libertação.

Diante de cada uma das figuras, a mataji se curvou. Em seguida, pegou um pouco de água do sacerdote presente e a despejou sobre as mãos das estátuas. Ela recolheu a água em um jarro e a usou para sagrar o alto da própria cabeça. Segundo a crença jainista, é bom e meritório que peregrinos expressem sua devoção aos Tirthankaras, mas eles não devem esperar compensações terrenas por tais orações: como seres perfeitos, os vadeadores se libertaram do mundo dos homens e, portanto, não estão presentes nas estátuas — ao contrário, por exemplo, do que acreditam os hindus em relação a suas deidades, consideradas encarnadas nas imagens de templos. O peregrino pode venerar, exaltar, adorar e aprender pelo exemplo dos Thirtankaras, e pode usá-los como foco para suas meditações. Mas, como os vadeadores estão retirados do mundo, eles são incapazes de atender a orações; a relação entre o devoto e o objeto da devoção é inteiramente unilateral. Em sua forma mais pura, o jainismo é quase uma religião ateia, e as imagens muito veneradas dos Tirthankaras nos templos não representam uma presença divina, mas uma profunda ausência divina.

Fiquei intrigado com a dedicação intensa da mataji às imagens, porém, como ela estava concentrada em suas orações, era claro que aquele não seria o momento de interrompê-la, muito menos de conversar com ela. Do templo, ela se dirigiu para o alto da colina para lavar os pés de Bahubali. Lá murmurou silenciosamente as orações matinais aos pés da estátua, circulando o rosário na mão. Em seguida, deu cinco voltas do circuito parikrama dos peregrinos em torno do santuário e, com a mesma rapidez com que saltara sobre os degraus, dirigiu-se de novo para baixo, com o abano de penas de pavão dando leves pancadas e varrendo cada degrau diante dela.

Foi somente no dia seguinte que pedi, e recebi, autorização para ter uma audiência formal — ou, como os monges a chamavam, darshan — com a mataji na casa de hóspedes do mosteiro; e foi apenas nesse dia, à medida que prosseguimos em nossa conversa, que comecei a compreender o que causava seu ar de inconfundível melancolia.

“Acreditamos que todas as afeições trazem sofrimento”, disse Prasannamati Mataji, depois que conversávamos havia algum tempo. “É por isso que devemos renunciar a elas. Este é um dos princípios essenciais do jainismo — nós o chamamos de aparigraha. Foi por isso que deixei minha família e entreguei meus bens.”

Estávamos conversando no anexo da sala de oração de um mosteiro, e a mataji estava sentada de pernas cruzadas em uma esteira de bambu, ligeiramente elevada sobre um estrado baixo. A parte de cima de seu sári branco cobria, recatadamente, sua cabeça calva. “Durante muitos anos jejuei ou comi no máximo somente uma vez por dia”, ela prosseguiu. “Como outras monjas, muitas vezes senti fome e sede. Tentei mostrar compaixão por todos os seres vivos e evitei todas as formas de violência, paixão ou ilusão. Percorri as estradas da Índia descalça.” Ao dizer isso, a monja passou uma mão sobre a sola dura e calejada de seu pé nu. “Todos os dias sofri a dor de espinhos e bolhas. Tudo era parte de meu esforço para me livrar das últimas ligações a este mundo ilusório.”

“Porém”, ela disse, “ainda tinha uma ligação — embora naturalmente não pensasse nela dessa forma.”

“O que era?”, perguntei.

“Minha amiga Prayogamati”, ela respondeu. “Durante vinte anos fomos companheiras inseparáveis, compartilhando tudo. Para nossa segurança, nós, monjas jainistas, devemos viajar juntas, em grupos ou em pares. Nunca me ocorreu que estava quebrando uma de nossas regras. Porém, devido à minha amizade íntima com ela, criei não apenas uma ligação, mas uma ligação forte — e ela

permitiu uma abertura para o sofrimento. Mas só me dei conta disso depois da morte dela.”

Houve uma pausa, e tive de encorajar a mataji para que continuasse. “Nesse estágio da vida nós precisamos de companhia”, ela disse. “Sabe, uma companheira com quem possamos dividir ideias e sentimentos. Depois que Prayogamati deixou seu corpo, senti uma solidão terrível. Na verdade, sinto até hoje. Mas o tempo dela estava determinado. Quando ela ficou doente — primeiro com tuberculose e depois com malária —, sua dor era tão grande que ela decidiu fazer o *sallekhana*, embora tivesse apenas 36 anos.”

“*Sallekhana*?”

“É o jejum ritual até a morte. Nós, jainistas, o consideramos o ápice de nossa vida de ascetas. Todos nós ansiamos e trabalhamos por ele como a melhor via para o nirvana. Não apenas as monjas — mesmo minha avó, uma leiga, fez o *sallekhana*.”

“Você está dizendo que ela se suicidou?”

“Não, não: *sallekhana* não é suicídio”, ela disse enfática. “É bem diferente. O suicídio é um grande pecado, resultado do desespero. Mas o *sallekhana* é um triunfo sobre a morte, uma expressão de esperança.”

“Não entendo”, eu disse. “Se você passa fome até morrer, certamente está cometendo suicídio.”

“De modo algum. Acreditamos que a morte não é o fim, e que a vida e a morte são complementares. Assim, quando se entrega ao *sallekhana*, você adota todo um novo modo de vida — não significa mais que mudar de um quarto para outro.”

“Mas você ainda assim escolhe acabar com a vida.”

“No suicídio a morte é cheia de dor e sofrimento. Mas o *sallekhana* é algo belo. Não contém aflição ou crueldade. Como monjas, nossa vida é pacífica, e a renúncia ao corpo também deve ser pacífica. Você tem os nomes dos Thirtankaras nos lábios e se

você o fizer lenta e gradualmente, do modo prescrito, não há dor; em vez dela, existe uma pureza suave em todas as privações.

“Em todos os estágios você é guiado por uma mataji ou guru experiente. Tudo é planejado com bastante antecedência — quando e onde você renuncia à comida. Alguém é indicado para sentar-se com você e cuidar de você o tempo todo, e todos os membros da comunidade recebem uma mensagem dizendo que você se decidiu por esse caminho. Primeiro você jejua em um dia da semana, depois come apenas em dias alternados: em um dia você ingere comida, no outro jejua. Um a um, você renuncia a diferentes tipos de comida. Você abre mão de arroz, depois de frutas, depois de verduras, depois de sucos, e depois de leite. Por fim bebe apenas água, e depois a toma apenas em dias alternados. Ao final, quando está pronto, você renuncia a ela também. Se fizer tudo gradualmente, não há sofrimento algum. O corpo se resfria, de modo que você pode se concentrar na alma e no apagamento de todo o seu carma ruim.

“Em cada estágio lhe perguntam: você está preparado para prosseguir, tem certeza de que está pronto, tem certeza de que não quer recuar? É muito difícil descrever, mas pode ser muito bonito: a rejeição última de todos os desejos, o sacrifício de tudo. A gente fica rodeada, embalada, pelas companheiras monjas. Sua mente se fixa no exemplo das Jinas.”

Ela sorriu. “Você tem de entender que para nós a morte é muito excitante. Você abraça o sallekhana não por desespero com a vida passada, mas para ganhar e alcançar algo novo. É tão excitante quanto visitar uma nova paisagem ou um novo país: sentimos excitação diante de uma nova vida, cheia de possibilidades.”

Eu devo ter parecido surpreso, ou não convencido, porque ela parou e explicou o que queria dizer usando imagens simples. “Quando suas roupas ficam velhas e rasgadas”, ela disse, “você compra novas. Acontece o mesmo com o corpo. Depois dos trinta

anos, a cada ano ele se torna mais fraco. Quando o corpo definha completamente, a alma ocupa um corpo novo, como um caranguejo ermitão que busca uma nova concha. Porque a alma não definha e ao renascer você simplesmente troca as roupas velhas rasgadas e deterioradas por um terno novo elegante.”

“Mas você não deve ter se sentido excitada quando sua amiga a deixou dessa maneira.”

“Não”, ela disse, desanimada. “É difícil para os que ficam.”

Ela se deteve. Por um instante a mataji perdeu a serenidade, mas se recuperou.

“Depois que Prayogamati partiu, não suportei a perda. Chorei, embora não se espere que o façamos. Todas as emoções são consideradas um obstáculo para se chegar à iluminação. Devemos cultivar a indiferença — mas ainda me lembro dela.”

De novo sua voz falhou. Ela balançou a cabeça devagar. “A ligação ainda existe”, disse. “Não consigo evitá-la. Vivemos juntas durante vinte anos. Como posso esquecê-la?”

O jainismo é uma das religiões mais antigas do mundo, semelhante em muitos aspectos ao budismo e emerso do mesmo mundo clássico e heterodoxo indiano da bacia do Ganges dos primeiros séculos da era cristã. Como o budismo, ele foi em parte uma reação à consciência de casta dos brâmanes e à disposição deles para matar enormes quantidades de animais para sacrifícios nos templos. Porém a fé dos jainistas é ligeiramente mais antiga e a prática, muito mais exigente que a budista. Os ascetas budistas raspam a cabeça; os jainistas arrancam os cabelos pela raiz. Os monges budistas mendigam comida; os jainistas precisam obter comida sem pedi-la. Tudo que podem fazer é sair para *gowkari* — a palavra usada para descrever uma vaca pastando — e sinalizar a fome curvando o braço direito sobre o ombro. Se não consegui-

rem comida antes do anoitecer, vão para a cama com fome. São proibidos de aceitar ou manusear dinheiro.

Na Índia antiga, os monges jainistas também eram celebrados pela recusa em se lavar, e, como os monges coptas no Egito, faziam uma equivalência entre a falta de preocupação com a aparência e a pureza interior. Uma inscrição antiga em Sravanabelagola se refere com admiração a um monge tão repugnante pela sujeira que ele “parecia usar uma armadura preta bem justa”. Hoje os monges podem se esfregar com uma toalha úmida e lavar as túnicas a intervalos de algumas semanas; mas banhar-se em tanques, em água corrente ou no mar ainda é rigorosamente proibido, como o é também o uso de sabão.

Diferente do budismo, a religião jainista nunca se difundiu para além da Índia, e, embora um dia tenha sido uma fé popular e poderosa no subcontinente, patrocinada pelos príncipes de uma sucessão de dinastias decanis, hoje restam apenas 4 milhões de jainistas, que estão em grande parte limitados aos estados do Rajastão, Gujarat, Madhya Pradesh e Karnataka. Fora da Índia, a religião mal existe, e em contraste com o budismo é quase desconhecida no Ocidente.

A palavra Jain deriva de Jina, que significa libertador ou conquistador espiritual. Os Jinas ou Tirthankaras — vadeadores — eram 24 professores humanos; cada um deles descobriu como escapar do eterno ciclo de morte e renascimento. Por meio de seu heroico tapasya — práticas de ascetismo corporal —, eles adquiriram um conhecimento onisciente e transcendente que lhes revelou a natureza da realidade do grande teatro do universo, em todas as dimensões. O mais recente deles, segundo os jainistas, foi a figura histórica de Mahavira (599-529 a.C.) — o Grande Herói —, um príncipe de Magadha, no Bihar moderno, que renunciou ao mundo aos trinta anos para se tornar pensador e asceta nômade.

Mahavira elaborou para os seguidores um sistema cosmoló-

gico complexo que os jainistas ainda comentam, 2600 anos depois. Como em outras doutrinas religiosas indianas, eles acreditam em uma alma imortal e indestrutível, ou *jivan*, e que a soma das ações de uma pessoa determina a natureza do futuro renascimento. Porém, os jainistas diferem dos hinduístas e budistas de muitas maneiras. Eles rejeitam a ideia hinduísta de que o mundo foi criado ou destruído por deuses onipotentes, e zombam das pretensões dos brâmanes, que acreditam que a pureza ritual e os sacrifícios nos templos podem levar à salvação. Como um monge jainista explica a um grupo de brâmanes hostis em uma das mais antigas escrituras jainistas, o sacrifício mais importante para os jainistas não é um puja, ou ritual, mas o sacrifício do próprio corpo: “A austeridade é meu fogo sacrificial”, diz o monge, “e minha vida é o lugar onde arde o fogo. O esforço físico e mental é a concha para minha oferenda, meu corpo é o combustível de esterco para o fogo, e as ações, minha lenha. Dou uma oferenda louvada pelos sábios profetas que consiste em comedimento, esforço e tranquilidade”.

Crucialmente, os jainistas diferem tanto dos hinduístas quanto dos budistas em sua compreensão do carma, que para as outras crenças significa simplesmente o fruto de nossas ações. Os jainistas concebem o carma como uma substância material delicada que se liga fisicamente à alma, poluindo e obscurecendo seu potencial de felicidade, tornando-a pesada de orgulho, ódio, ilusão e avidez, impedindo-a de atingir seu destino último no cume do universo. Para alcançar a libertação final, devemos viver a vida de modo a evitar o acúmulo de mais carma, enquanto limpamos o carma acumulado em vidas anteriores. O único modo de fazê-lo é abraçar a vida de ascetismo e seguir o caminho da meditação e da autoanulação rigorosa ensinada pelos Tirthankaras. Devemos abraçar uma vida de renúncia ao mundo, de desapego, e uma forma extrema de não violência.

A jornada da alma acontece em um universo concebido de

um modo diferente de qualquer outro credo. Para os jainistas, o universo tem a forma de um corpo humano cósmico gigante. Acima do corpo existe um dossel que contém as almas libertadas e aperfeiçoadas — *siddhas* — que, como os Tirthankaras, escaparam do ciclo de renascimentos. No alto do corpo, ao nível do peito, fica o mundo celestial superior, a morada venturosa dos deuses.

No nível da cintura fica o mundo do meio, onde os seres humanos moram, em uma série de anéis concêntricos de terras e de oceanos. A massa central de terra deste mundo — o continente da Macieira Cor-de-Rosa — é limitada pelo poderoso Himalaia, situado no interior de muralhas de diamantes. Em seu centro, o *axis mundi*, fica o santuário divino dos Jinas, o monte Meru, com seus dois sóis e duas luas, seus parques e florestas e seus bosques de árvores que realizam desejos. Adjacente a ele, mas ligeiramente para o sul, fica o continente de Bharata, ou Índia. Ali se encontram as grandes capitais dos principados, cercadas por lagos ornamentais cheios de flores de lótus.

Abaixo do disco fica o mundo infernal dos jainistas. Lá, as almas que cometeram grandes pecados vivem como seres do inferno em um estado de calor terrível, sede insaciável e dor sem fim, sob a guarda de um grupo de carcereiros malignos e semidivinos, os *asuras*, que se opõem fortemente ao *darma* dos Tirthankaras.

Neste mundo, não há deuses criadores: dependendo de suas ações e carma, uma alma pode reencarnar como um deus, porém, ao final, quando sua reserva de mérito se exaure, o deus deve passar pela agonia da morte e da queda do céu, para renascer como mortal no mundo do meio. O mesmo é verdade para as criaturas do inferno. Uma vez que pagaram por meio do sofrimento pelas suas ações, elas podem se elevar para renascer no mundo do meio e novamente iniciar o ciclo de morte e renascimento — dependendo de seu carma, como seres humanos, animais, plantas ou criaturas minúsculas invisíveis do ar. Como os deuses caídos, an-

tigas criaturas do inferno podem também aspirar à conquista da moksa, a libertação final da alma da existência e do sofrimento terreno. O próprio Tirthankara Mahavira, o Grande Herói, passou um tempo como criatura do inferno, depois como um leão, antes de se elevar à condição humana e assim encontrar o caminho para a iluminação. Somente seres humanos — não os deuses hedonistas — podem alcançar a libertação, e a via para ela é a renúncia completa ao mundo e suas paixões, seus desejos e apegos, para se tornar um asceta jainista. Como tal, o monge ou monja deve abraçar as Três Joias, a saber, o conhecimento correto, a fé correta e a conduta correta, e assumir cinco votos: não violência, não inverdade, não roubo, não sexo, não apegos. Eles perambulam pelas estradas da Índia, evitando todo ato de violência, por menor que seja, e meditando sobre as grandes questões, pensando na ordem e no propósito do universo, e procurando vadear os locais de travessia que levam por meio do sofrimento à salvação. Para os jainistas, portanto, ser um asceta é um chamado maior do que ser um deus.

Trata-se de uma religião estranha, austera e em certos aspectos muito dura; mas este, explicou Prasannamati Mataji, é exatamente o ponto.

Às dez horas, todos os dias, Prasannamati Mataji come sua única refeição diária. No meu terceiro dia em Sravanabelagola, fui ao *math*, ou mosteiro, para assistir ao que se revelou ser tanto um ritual quanto um café da manhã.

A mataji, envolta como sempre em seu sári de algodão branco sem costura, estava sentada de pernas cruzadas sobre uma banquetta baixa de madeira elevada sobre um estrado de madeira no centro de um recinto vazio. Atrás dela, seu leque e o pote de água de coco estavam apoiados na parede. Na frente, cinco ou seis leigas jainistas de classe média, de sári, se agitavam com pequenos

baldes de arroz, *dal* e grão-de-bico *masala*, preocupadas em servir a mataji, que tratavam com extrema deferência e respeito. A mataji, porém, estava sentada com os olhos baixos, sem olhar para elas a não ser de esguelha, aceitando sem comentários o que lhe ofereciam. Havia um completo silêncio: ninguém falava; toda comunicação acontecia por meio de gestos de mãos, acenos e dedos apontados.

Quando me aproximei da porta, a mataji fez um sinal com a palma erguida para que eu ficasse onde estava. Uma das mulheres explicou que, como eu não tomara um banho ritual, e provavelmente comera carne, deveria ficar fora. Com o notebook na mão, observei pela porta aberta.

Durante uma hora a mataji comeu devagar e em completo silêncio. As mulheres esperavam que ela assentisse e, em seguida, com uma longa colher, punham um pouco de comida em suas mãos expectantes em concha. Ela revirava cada pedaço cuidadosamente com o polegar da mão direita, procurando um fio de cabelo perdido, ou um inseto alado, ou uma formiga, ou qualquer ser vivo que pudesse ter caído na comida estritamente vegetariana, tornando-a impura. Caso encontrasse alguma coisa, explicou uma das leigas, as regras eram claras: ela devia jogar a comida no chão, rejeitar a refeição inteira e jejuar até as dez horas da manhã seguinte.

Depois de terminar as verduras, uma das auxiliares da mataji verteu uma pequena colher de chá de *ghee* em seu arroz. Quando uma mulher ofereceu uma colher adicional de *dal*, um balanço sutil da cabeça da monja indicou que ela havia terminado. Em seguida verteu-se água fervida, ainda quente, de uma xícara de metal nas mãos em concha da mataji. Ela bebeu um pouco e esfregou o conteúdo de mais uma xícara em volta da boca. Limpou os dentes com o dedo e lavou as gengivas com água antes de cuspi-la em uma cuspidreira. Depois disso, ela estava pronta. A mataji se levanta

tou e abençoou formalmente as mulheres com o abano de penas de pavão.

Quando todo o ritual da refeição silenciosa havia terminado, a mataji me levou para a sala de recepção da casa de hóspedes do mosteiro. Lá, sentou-se de pernas cruzadas sobre uma esteira de vime diante de uma escrivaninha baixa. Sobre ela estavam os dois volumes de escrituras que a monja estava estudando e sobre os quais ela escrevia um comentário. Em uma mesa semelhante na extremidade da sala estava sentado um homem nu — o maharaj do *math*, silenciosamente absorto em sua escrita. Acenamos com a cabeça um para o outro, e ele voltou ao trabalho. Ele estava lá, imaginei, para acompanhar a mataji durante nossa conversa: era proibido para ela ficar a sós em uma sala com um homem que não fosse seu guru.

Quando se acomodou, a mataji começou a me contar a história de como ela havia renunciado ao mundo e por que decidira passar pelo ritual da iniciação, ou diksha, como monja jainista.

“Nasci em Raipur, Chattisgarh, em 1972”, disse a mataji. “Nesses dias meu nome era Rekha. Meus familiares eram comerciantes ricos. Eles gostavam do Rajastão, mas se mudaram para Chattisgarh por razões comerciais. Meu pai tinha seis irmãos e nós vivíamos como uma família unida, todos na mesma casa. Meus pais tiveram dois meninos antes do meu nascimento, e por três gerações não nasceram meninas na família. Fui a primeira, e todos eles me amavam, ainda mais porque eu era tida como uma menininha bonita e animada, e tinha a pele muito clara e cabelos pretos densos, bem compridos.

“Eu era paparicada por todos eles e meus tios competiam para me mimar. Gostava muito de *rasgulla* e *pedha* [doces de leite], e todos os tios me traziam caixas de doces. Se eu estivesse dormin-

do quando chegavam do armazém, eles me acordavam para dar os doces, ou por vezes um grande pote de *gulab jamun* doce, xaroposo. Todos os meus desejos eram realizados e eu era a preferida de todos. Ninguém me batia ou disciplinava, nem mesmo de brincadeira. Na verdade, não me lembro de uma única vez que meus pais tenham erguido a voz, muito menos me batido.

“Era uma infância muito feliz. Eu tinha duas grandes amigas — uma era jainista da seita rival *svetambara*, a outra, uma garota *brãmãne*, e seus pais também eram comerciantes de tecidos. Assim, brincávamos com nossas bonecas, e nossas famílias faziam com que os alfaiates desenhassem *sáris* e *salwars* elaborados para elas. Quando ficamos um pouco mais velhas, meus tios nos levavam ao cinema. Eu amava *Rekha*, porque essa atriz tinha o mesmo nome que eu, e o ator *Amitabh Bachchan*, porque ele era o herói número um naquela época. Meu filme favorito era *Coolie*.

“Então, quando tinha cerca de treze anos, fui levada ao encontro de um monge chamado *Dayasagar Maharaj* — o nome significa Senhor do Oceano da Compaixão. Ele era um antigo pastor que recebera a *diksha* quando era um menino de apenas dez anos, e à época tinha um profundo conhecimento das escrituras. Ele tinha vindo a *Raipur* para fazer seu *chaturmasa* — a pausa da monção em que os jainistas são proibidos de andar, pois poderiam matar acidentalmente a vida invisível que habita as poças. Assim, durante três meses o *maharaj* estaria em nossa cidade e todos os dias ele costumava pregar e ler para as crianças. Ele nos falou de como poderíamos viver uma vida pacífica e sobre como deveríamos evitar ferir outros seres vivos: o que deveríamos comer e como deveríamos coar a água para evitar beber criaturas muito pequenas para serem vistas. Fiquei muito impressionada e comecei a refletir. Não demorou muito para eu decidir que queria ser como ele. Suas palavras e ensinamentos mudaram completamente minha vida.